



## Usos e desusos da História: pensamentos sobre o saber-fazer do historiador na contemporaneidade

**André Cabral Honor**

Doutorando em História – UFMG

[cabral.historia@gmail.com](mailto:cabral.historia@gmail.com)

**RESUMO:** O artigo é um pequeno apanhado de várias considerações sobre o papel da escrita historiográfica na sociedade contemporânea. Através de uma situação extraordinária, o vazamento de uma fala do jornalista Boris Casoy, inicia-se uma trajetória de considerações sobre a importância de uma História para a transformação da sociedade. Assim, defende-se a importância que o acúmulo de obras historiográficas de aportes teóricos possuem para a erudição do historiador e, conseqüentemente, o avanço da pesquisa histórica. Busca-se a ideia da História como uma disciplina viva, em que o conhecimento é construído na prática historiográfica. Desta forma, é possível começar a vislumbrar os motivos que tornam a História disciplina fundamental para a reformulação constante do mundo, almejando desenvolver o pensamento crítico e ajudar na eterna busca de uma sociedade mais humanitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria da História, Historiografia, Ensino de História.

**ABSTRACT:** This paper consists of a few remarks on historical writing in the contemporary society. Through situations taken from our day-to-day life, such as the *off* comment by anchor and journalist Boris Casoy mistakenly broadcasted in Brazilian television, it outlines the importance of History for the society's transformation. Thus, it defends the relevance which historiography's works from diverse approaches have to the historian's formation and, therefore, to the improvement of the historical research. This work stands for an idea of History as a living discipline, in which the knowledge is built through the practice of historiography. Consequently, it provides a glimpse of some reasons why History is such a fundamental subject to the understanding of the on-going reformulation of the world, and yearns for developing the criticism required for the construction of a more humanitarian society.

**KEY-WORDS:** Theory of History, Historiography, History's Teaching.

“O historiador é rei, Freud a rainha.”

Frase inicial do documentário *Nós que aqui estamos por nós esperamos.*

Ao meu primo Caio Brito Barreira, que acaba de adentrar os mares da História.

Profecias sempre previram o fim do mundo para a virada do ano. É algo que acompanha o homem desde que foi inventada a contagem dos dias e das horas. Dizem que no último dia do ano forças mágicas se alinham e coisas sobrenaturais podem acontecer. Neste dia, com grandes festas, a sociedade ocidental comemora o encerramento de um



ciclo e o início de outro. Talvez houvesse mesmo algo de sobrenatural no dia 31 de dezembro de 2009. Pelo menos é o que ainda devem acreditar os engenheiros de som da Rede Bandeirantes, responsáveis pelo *Jornal da Band*. Exatamente neste dia, uma falha técnica permitiu que os telespectadores — que infelizmente não eram muitos, mas que se multiplicaram numa progressão geométrica graças ao *site You Tube* — escutassem em *off* o jornalista Boris Casoy falando durante a vinheta de apresentação, logo após a exibição de um breve vídeo introdutório do jornal do dia que mostrava dois garis desejando feliz natal ao povo brasileiro. Sem imaginar que estava sendo ouvido, o jornalista disse: “Que merda... dois lixeiros desejando felicidades... do alto de suas vassouras... dois lixeiros... o mais baixo da escala do trabalho...”<sup>1</sup>.

Mais de 130 anos antes do referido episódio, mais especificamente em 1874, Friedrich Nietzsche publicou um texto de sua autoria intitulado “Consideração intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida”<sup>2</sup>. Nesse ensaio, o filósofo prussiano atacava diretamente a História, questionando a real necessidade de sua existência. À primeira vista, tal atitude tornaria Nietzsche inimigo público número um da historiografia mundial. Contudo, pensar desta forma é cometer o pior dos pecados de um historiador: o anacronismo. O ataque do autor era direcionado para a História chamada de positivista, aquela que almejava ser uma ciência nos termos que colocava Augusto Comte. Sim, Nietzsche desejava matar a História, mas porque acreditava que assim como a fênix, ela ressurgiria das cinzas renovada e rejuvenescida. Para ele, essa História factual, cheia de datas e nomes, que se dizia objetiva, pouco contribuía para o crescimento da sociedade.

Na metodologia histórica positivista, a interpretação da fonte era uma atitude tão proibida quanto o anacronismo histórico é nos dias atuais. O documento era apenas um: escrito e provindo de fontes oficiais. Sua credibilidade era inquestionável: na maioria das vezes, bastava transcrever ou parafrasear o que havia nele e a História estava feita. Para

---

<sup>1</sup> Há que se pedir desculpas pela citação do palavrão emitido pelo apresentador, todavia isso é feito tomando como base a ideia de que o historiador deve explicitar as evidências sem preocupar-se com a polidez, como já dizia Paul Veyne, “(...) o historiador, esse, não é nem um colecionador, nem um esteta; a beleza não lhe interessa, a raridade, tampouco. Só a verdade.” VEYNE, Paul. *Como se escreve a História/Foucault revoluciona a História*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982, p. 15. Sendo assim, é mantida a palavra inadequada para um artigo científico e com a abstenção de impressões pessoais sobre o tom da fala do apresentador. Deixa-se para o leitor a tarefa de formular suas próprias conclusões assistindo ao vídeo que se encontra disponibilizado na internet. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=W1dQzm0Ohu8>. Acesso em: 18 fev. 2010.

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre História*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.



nós, historiadores da contemporaneidade, o documento continua a ser peça basilar do relato historiográfico, e é possível afirmar que nunca deixará de sê-lo, todavia, ele faz a História e não simplesmente a é.

Por essência, a história é conhecimento mediante documentos. Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado vivo.<sup>3</sup>

Tal crítica não deve conduzir o leitor a pensar que essa História – a qual utiliza o que aqui foi chamado de metodologia positivista – não deixou grandes contribuições para a historiografia moderna. Seu uso, por vezes, é indispensável na construção do que é chamado, nesse artigo, de “História” com H maiúsculo. Tal definição é usada em contraposição à acepção da palavra “história” como narrativa factível, mas contada sem cunho metodológico, ou “estória”, cujo aspecto ficcional se sobressai sob qualquer aspecto de apreço à verdade. Para melhor esclarecer o ponto de vista aqui defendido, toma-se como exemplo uma obra que pertence à tríade de autores da historiografia paraibana dita “clássica”: Maximiano Lopes Machado, com *História da Província da Paraíba* (1912).<sup>4</sup> Os outros dois são Irineu Ferreira Pinto, com o livro *Datas e notas para a História da Paraíba* (1908)<sup>5</sup> e Horácio de Almeida com sua *História da Paraíba* (1966)<sup>6</sup>, todas obras basilares para o estudo da História da Paraíba.<sup>7</sup>

Maximiano Lopes Machado nasceu em 1821 na Cidade da Paraíba e veio a falecer em 1895, em Recife, Pernambuco. Membro fundador da cadeira número 28 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP),<sup>8</sup> se filiava aos ideais liberais de construção de

<sup>3</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a História/Foucault revoluciona a História*, p. 12.

<sup>4</sup> MACHADO, Maximiano Lopes. *Historia da Província da Parahyba*. João Pessoa: Imprensa Oficial Parahyba, 1912.

<sup>5</sup> PINTO, Irineu Ferreira. *Datas e notas para a História da Paraíba*. V. 1 e 2. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1977 [1908].

<sup>6</sup> ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. Tomo I e II. João Pessoa: Imprensa Universitária, 1966.

<sup>7</sup> A esta lista deve-se acrescentar o sempre injustiçado, pois nunca é colocado neste *ball*, João de Lyra Tavares, com os dois tomos de *Apontamentos para a História Territorial da Paraíba* (1910), no qual transcreve as cartas de sesmarias da Capitania da Paraíba. TAVARES, João de Lyra. *Apontamentos para a História Territorial da Paraíba*. Tomo I e II. João Pessoa: Imprensa Oficial Paraibana, 1910.

<sup>8</sup> Sobre a fundação do IHGP e a formação de seu discurso de uma história oficial que realça grandes feitos, sob a tutela daqueles a que chamarão de herói, ver o trabalho seminal da professora Margarida Dias (PPGH/UFRN): DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrepida ab origine: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local*. João Pessoa, PB: Almeida Gráfica, 1996.



uma história que se baseava estritamente nos documentos oficiais, sem questionar o seu conteúdo.<sup>9</sup> Nas palavras do próprio Maximiano:

O historiographo [...] não é o orador que procurar convencer pelo atractivo de palavras floridas, inflammado por manifestações de fogo poético. O seu fim é outro, expor os factos e sobre elles o seu juízo com critério e rectidão, como o juiz que, depois de averiguar as provas, sentença na conformidade das leis [...].<sup>10</sup>

Nesse sentido, em sua obra, Machado usou da sua apurada retórica de advogado – era formado em Direito pela Faculdade de Olinda, cidade onde também exerceu o cargo de promotor de justiça – para escrever o seu livro, buscando ser fiel ao que diziam os documentos oficiais, porém carregando nas cores de suas narrativas, como pode ser lido na sua descrição do Massacre de Tracunhaém: “Os índios atearam fogo nos canaviaes, e o incendio veio dar ao combate um aspecto medonho, mostrando á luz de impectuosas labaredas todo o horror do desespero e da morte.”<sup>11</sup> Os Potiguaras, responsáveis pelo ataque a Tracunhaém, são retratados como os promotores de uma chacina, sem preocupações por parte do autor de compreender as suas ações, que constituíam uma reação perante a invasão das suas terras pela economia açucareira pernambucana<sup>12</sup>.

A obra de Maximiano reúne informações valiosíssimas, transcritas de documentos que as traças, o mofo, o furto e o descaso dos poderes públicos para com os arquivos trataram de dar fim. Ignorá-lo, significa perder dados essenciais para a construção da História da Capitania da Paraíba. Assim como Penélope, esposa de Odisseu<sup>13</sup>, a História deve destecer o sudário que outrora construiu. Dessa forma, ao desconstruir o discurso construído por Maximiano, através do seu posicionamento no contexto histórico em que viveu e escreveu, o historiador consegue chegar até o dado requerido. Em vez de observar o tecido, o historiador passa a analisar o fio em que a narrativa foi tecida.

<sup>9</sup> Sob o lugar histórico de Maximiano Lopes Machado, ver: MENESES, Héric Dayann Moraes de. *As contribuições de Maximiano Machado e Irineu Pinto para a construção da cultura histórica sobre o período holandês na Paraíba (1634-1654)*. Dissertação.

<sup>10</sup> MACHADO, Maximiano Lopes. *Historia da Província da Parahyba*, p. VII.

<sup>11</sup> MACHADO, Maximiano Lopes. *Historia da Província da Parahyba*, p. 44.

<sup>12</sup> Sobre o Massacre de Tracunhaém e o papel crucial que esse evento possui na conquista do Rio Paraíba, ver: GONÇALVES, Regina Célia. *Guerras e açúcares: Economia e sociedade na Capitania da Parahyba*. Bauru: EDUSC, 2007.

<sup>13</sup> HOMERO. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.



Lendo esses autores entende-se porque a máxima dita por Antoine-Laurent de Lavoisier<sup>14</sup> – “na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma” – deve ser aplicada aos estudos históricos. Apesar do verdadeiro medo que há entre os historiadores em estabelecer leis — afinal a História é dinâmica e mutável — a adoção da máxima de Lavoisier pouparia a disciplina de discussões de defesas teóricas que por vezes parecem inócuas por indicarem quase sempre a mesma solução: é preciso aproveitar o que já foi dito.

É essencial compreender que a História é um ser vivo, cuja morte de certas correntes historiográficas, apesar de já ter sido anunciada diversas vezes, nunca se cumpriu. O problema não está no abandono de tal metodologia de trabalho, isso é algo inerente à disciplina histórica, mas sim em relegar ao esquecimento toda a historiografia produzida por aquela vertente. Aqueles que apregoam funerais para a historiografia de determinadas vertentes teóricas, se espantam quando o defunto se levanta e debate com os presentes os motivos que levaram a crer na veracidade do velório. Ao contrário de D. Quitéria e os demais seis finados de Antares<sup>15</sup>, a historiografia não se levantou para exigir o seu sepultamento, mas para debater os motivos pelos quais se acreditava que isso aconteceria, além de exigir o seu lugar dentro da construção do conhecimento histórico. Sepultar uma historiografia por causa de seu posicionamento teórico é um retrocesso que vai na contramão da formação da erudição de um historiador.

Deixa-se bastante claro que nenhuma obra historiográfica, assim como nenhum documento, deve ser aceito de bom grado, sem questionamentos. Marxismo, Positivismo, História Contra-factual, Micro-História, só para citar os mais famosos neste início do século XXI, podem, devem e necessitam de contestações. Seus resultados, suas colocações, precisam ser constantemente reavaliados para que a historiografia se mova. O que não pode haver é a rejeição da História que se propõe a ser científica através de uma clara metodologia de trabalho.

A História só existe se guiada por preceitos teórico-metodológicos. Dessa maneira, excluem-se os trabalhos realizados por senhores e senhoras que se dizem historiadores para pregar crenças pessoais e que usam e abusam dos anacronismos históricos e da invenção.

<sup>14</sup> Químico francês nascido em 26 de agosto de 1743, Antonie Laurent Lavoisier formou-se em direito, mas nunca exerceu a profissão. Em 1789 lançou sua obra mais importante, o “Tratado elementar de química”, um marco no estudo da química moderna. Foi guilhotinado em 1794 no decurso da Revolução Francesa por causa de sua ligação com o antigo estado monárquico francês.

<sup>15</sup> VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 [1971].



Tais textos só são úteis para compreender o lugar social de suas falas, ou seja, para serem tratados como documentos que demonstrem certa mentalidade pessoal ou social. As suas ditas “análises históricas” nada contribuem para a compreensão do período analisado. Em outras palavras, não constituem uma História. É por isso que a seriedade e o compromisso com a verdade — que nunca chega — devem ser condições *sine qua non*<sup>16</sup> para que nos tornemos historiadores. Escrever História é extremamente difícil, mas quem disse que seria fácil? Como lembra Paul Veyne:

O perigo com a história é que ela parece fácil e não o é. Ninguém se aventura a improvisar-se físico porque todo mundo sabe que, para isso, é preciso uma formação matemática; apesar de menos espetacular, nem por isso é menor a necessidade, para um historiador, de uma experiência histórica. Apenas, no caso da história, as consequências dessa insuficiência se dissimularão melhor: não se produzirão segundo a lei do tudo ou nada; o livro de história terá defeitos (conceitos inconscientemente anacrônicos, nós de abstrações não esclarecidos, resíduos de acontecimentos não analisados), mas, sobretudo, lacunas; pecará menos pelo que afirma do que pelo que deixa de investigar.<sup>17</sup>

O que Paul Veyne sabiamente aponta é para o que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie chama de “o perigo de uma história única”<sup>18</sup>. Quando se conta apenas uma única história repetida vezes, ela cria estereótipos, e como a sábia escritora fala: “E o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentiras, mas que eles sejam incompletos”<sup>19</sup>. O historiador é responsável por trazer à tona estas histórias que se sobrepõem uma às outras. É preciso diversificar a visão e perceber que o fato é um polígono multifacetado e a sua análise só será apreendida caso os seus diversos lados sejam vistos. A História torna-se tão múltipla quanto os seres humanos. Nesse contexto, a perspectiva de uma história vista de baixo, que busca compreender o movimento daqueles que estavam aliçados das análises históricas, vide a visão dos Potiguaras no Massacre de Tracunhaém, é uma importante contribuição para a formação dessa História multifacetada<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> Expressão em latim muito usada no Direito que significa “sem a qual não pode existir”.

<sup>17</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a História/Foucault revolucionou a História*, p. 113.

<sup>18</sup> O discurso da escritora Chimamanda Adichie para o TED pode (e deve) ser visto no sítio eletrônico [http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html). Acesso em: 01 abr. 2010. A autora nigeriana possui vários contos e três romances publicados, nos quais destaca-se sua obra de estreia *Hibisco Roxo*.

<sup>19</sup> Fala original: “And the problem with stereotypes, it’s not they are untrue, but they are incomplete”. Captado em: [http://www.ted.com/talks/lang/ptbr/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/ptbr/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html). Acesso em: 01 abr. 2010.

<sup>20</sup> Sobre a História vista de baixo, deve-se sempre referenciar um dos pioneiros em por tal questão no centro da discussão historiográfica, o historiador britânico E. P. Thompson. THOMPSON, E.P. *A História vista de*



Fazer História é, a grosso modo, estabelecer uma posição política. É compreensível que os historiadores estejam eternamente assombrados pela ausência de uma alteridade nas análises históricas. O problema existe quando há omissão ou supervalorização consciente de fatos porque estes colaboram com a tese ou ideia que deve ser preterida. Uma dita “historiografia” que, através da manipulação dos dados, exalta ditadores, é tão perniciosa quanta aquela que, com a mesma má fé para com a verdade, exalta movimentos sociais ou raciais. Ambas constroem ídolos com pés de barro que irão se quebrar em algum momento. Apesar da transitoriedade de tais análises no meio acadêmico, os efeitos danosos de tais escritos podem ser por demais profundos, causando sequelas que, às vezes, são difíceis de serem superadas.

A verdade é que a História é facilmente manipulável. A leitura do livro *1984* de George Orwell<sup>21</sup> é um impacto para qualquer historiador. Cada vez que o Ministério do Amor reescreve a história para que esta se adeque aos seus desejos, o historiador consegue vivenciar todo o horror da manipulação e perceber como a História pode ser frágil. Os documentos dirão o que o historiador quiser, pois entre os pobres papéis e o homem não há intermediários. O historiador é rei, e como tal pode se deixar cegar pelos seus desejos e impor a seus súditos algo que não lhes convém. Não se trata de retirar o título de rei que foi atribuído ao historiador logo na epígrafe deste trabalho, porém seu reinado deve possuir uma bússola precisa: o compromisso com a verdade. Por isso a importância das fontes fidedignas e da crítica à documentação levantada. Somente assim a História pode emergir. Ao lado dela, a sociedade só tem a ganhar não importando a filiação teórico-histórica. Para isso, os historiadores precisam aplicar a premissa básica para qualquer estudo: a contextualização dos dados. Se há a opção de trabalhar com determinada obra historiográfica e utilizá-la como base para a pesquisa, é fundamental conhecer os seus aportes teóricos e suas fontes, para que seja possível contextualizar o texto em análise.

---

baixo. In: THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 2 ed. São Paulo: UNICAMP, 2012, p. 185-201. De acordo com Peter Burke, “A história vista de baixo, traz duas questões importantes: o fato de não se constituir somente como uma abordagem, mas também com um tipo distinto de história. Como abordagem, sugere uma correção da história das elites, e ao oferecer essa abordagem alternativa oferece uma compreensão mais rica da história, uma nova experiência. E como um tipo distinto de história, ela não deve estar dissociada das concepções mais amplas da história”. BURKE, Peter. *A História vista de baixo*. Captado em: < <http://pt.scribd.com/doc/73499983/A-historia-vista-de-baixo>>. Acesso em: 20/6/13. Tais comentários foram tecidos tendo como base o debate proposto por Jim Sharpe em: SHARPE, Jim. *A História vista de baixo*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 39-62.

<sup>21</sup> Concebida como uma crítica ao socialismo e ao regime stalinista – assim como sua também famosa obra *A revolução dos bichos* – George Orwell consegue expor em sua narrativa as consequências que a manipulação da História pode trazer a uma sociedade. ORWELL, George. 1984. Trad. Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



A crítica é consequência desta contextualização. Somente a partir dela é possível construir uma análise historiográfica mais apurada que prima pela busca da imparcialidade. Nunca é demais colocar que é fundamental, antes de tudo, compreender o aporte teórico da obra utilizada. Assim, o historiador pode se entregar ao luxo de corroborar, contestar ou reelaborar as considerações do texto historiográfico estudado. É o anjo benjaminiano da História que não consegue voltar atrás.

Tese IX - Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.<sup>22</sup>

De acordo com o filósofo alemão, que escreveu suas teses sobre a História em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, a História não pode refazer o que os homens já fizeram. Insistir em determinadas posições teóricas, sem considerar suas críticas e reformulações, é ignorar o progresso e desviar-se do caminho da História. Os escombros ficarão para trás, porque o conhecimento histórico é construído no dia-a-dia, por meio de montagens e desmontagens, como um jogo de peças *Lego*, em que as partes fundamentais estão dadas e se encaixam em combinações impossíveis de contabilizar. Ignorar as contribuições e críticas posteriores que surgem para cada possibilidade teórica é tentar fazer com que o anjo da História regrida. Ou seja, é um engodo de intenções políticas escusas ou ingenuidade desmedida. O historiador caminha para frente com seus olhos voltados para trás, retirando a partir dos escombros uma nova-velha historiografia. Influenciado também pelo contexto da Segunda Guerra Mundial, Eric Williams afirmou:

Os historiadores nem fazem nem guiam a história. Sua parcela nisso é geralmente tão pequena que é quase insignificante. Mas, se não aprenderem alguma coisa com a história, suas atividades serão então apenas um ornato cultural, ou um passatempo agradável, igualmente inútil nestes tempos conturbados.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 225 (Obras Escolhidas, v. 1.).

<sup>23</sup> WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. Trad. Carlos Nayfeld. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1975, p. 234.



Para Eric Williams, o historiador é o meio pelo qual a História se monta e se conta. Fugindo da História como objeto decorativo, a disciplina deve conter aquilo que Nietzsche clamava em seu já citado artigo sobre a História: a ausência de uma perspectiva de mudança. Em suas entrelinhas, o alemão diz que a História deveria transformar e não consolidar e para isso deveria assumir a sua subjetividade: “É somente a partir da mais elevada força do presente que tendes o direito de interpretar o passado.”<sup>24</sup>

O pós-modernismo, palavra que ninguém define como teoria ou movimento ou o que quer que seja, mas que adentrou com fôlego nos estudos acadêmicos, traz a diluição da perspectiva de mudança dentro da História. Embutido dentro do seu discurso — sim há um discurso próprio dos pós-modernos, por mais que este seja negado — está a premissa de que o socialismo/comunismo é inviável, vide a desagregação da URSS. A conclusão destes fatos é de que o capitalismo é soberano sobre o homem. Nesse sentido, qualquer proposta de destituição do mesmo e até a crítica sobre o seu funcionamento se torna destituída de valor, pois a vitória do sistema seria absoluta. Novamente, a ideia de uma História que transcende a mera curiosidade e busca transformar a sociedade é posta em cheque. Em outras palavras, tenta-se empurrar a História para dentro de um caixão. No fim, a ideia que se imprime é que a História torna-se puro entretenimento de acadêmicos e de alguns poucos curiosos. De acordo com Ellen M. Wood:

O pós-modernismo implica uma rejeição categórica do conhecimento ‘totalizante’ e de valores ‘universalistas’ — incluindo as concepções ocidentais de ‘racionalidade’, idéias gerais de igualdade (sejam elas liberais ou socialistas) e a concepção marxista de emancipação humana geral. Ao invés disso, os pós-modernistas enfatizam a ‘diferença’: identidades particulares, tais como sexo, raça, etnia, sexualidade; suas opressões e lutas distintas, particulares e variadas; e ‘conhecimentos’ particulares, incluindo mesmo ciências específicas de alguns grupos étnicos.<sup>25</sup>

Trazer o estudo das diferenças para o centro da discussão acadêmica é uma atitude extremamente louvável, sendo essa a maior contribuição desses estudos para a historiografia. Não se questiona aqui, a existência de tais pesquisas, mas os objetivos de tais histórias.

O crescimento dos movimentos de mulheres, gays, negros, índios, *punks*, dentre outros, que reivindicam seu espaço na sociedade se abastece destes estudos. Ora, tal

<sup>24</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre História*.

<sup>25</sup> WOOD, Ellen Meiksins. O que é a “agenda pós-moderna?”. In: WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy (orgs.). *Em defesa da História: Marxismo e pós-modernismo*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 12.



visibilidade é mais do que desejável, ela é extremamente necessária. É preciso garantir a todos os direitos básicos de liberdade e dignidade. Contudo, o que se percebe é um aproveitamento do discurso desses grupos para a manutenção de uma ordem social que tem como premissa básica a exclusão social, principalmente das camadas baixas. Existem três engodos que, inconscientemente, ou conscientemente, rondam esses estudos, e que me parecem começam a se tornar visíveis perante a crise econômica atual que vive a União Europeia.

O primeiro é de que há um lugar dentro do sistema capitalista para todos. Sim, não deixa de ser verdade. A África e sua grave crise social são extremamente necessárias para a ordem mundial, portanto, existe um espaço para aquele continente dentro do sistema: o da miserabilidade. Sua existência é desejada desde que ela não almeje ser uma Europa pré-crise. Caso deseje, ela deverá ser de alguma forma expurgada do sistema, pois para a África pacificada e saciada não há lugar. Ademais, a crise europeia pôs a última pá de cal no capitalismo de bem-estar social e os europeus parecem acordar para a realidade que não há espaço no sistema capitalista para a saciedade de todos.

Tal questão nos leva a um segundo engodo, o de que toda diferença deve ser exaltada, principalmente as econômicas. Atualmente existe uma disseminação de um discurso provindo das favelas, notadamente dos grandes centros, em que paira uma ideia de exaltação deste ambiente. Ser favelado torna-se motivo de orgulho. Não que ser pobre deva ser motivo de vergonha, mas sentir-se orgulhoso de morar em um local desprovido de qualidade de vida é o primeiro passo para a conformação de sua condição. A favela não deve ser exaltada simplesmente porque esta não deveria existir. O discurso deveria apontar para uma real inclusão de seus moradores na sociedade, e não de uma segregação motivada por um sentimento de que aquela situação é irremediável.

E daí surge o terceiro engodo, o de que a solução encontra-se na diferenciação. Perde-se o sentido de unidade, ou se preferir, de humanidade. Em vez de se integrarem, os homens devem cada vez mais se separar, impossibilitando assim reações que venham a contestar o verdadeiro problema: as bases socioeconômicas do nosso mundo contemporâneo. Uma pergunta permanece no ar: na prática, esses estudos estão levando a uma inclusão de fato ou apenas realizando uma manutenção do sistema, que deseje reconhecê-los como diferentes para que continuem alheios à sociedade?



Essa História desprovida de um sentido de unicidade, que apregoa a diferença pela diferença, pode conduzir cada vez mais a uma segregação e não a uma aceitação social. É preciso educar a sociedade, transformá-la e uni-la. A causa de cada um deveria ser a nossa. Pode parecer sonho, mas como diria o espanhol Calderón de La Barca: “A vida é sonho, e os sonhos, sonhos são.”<sup>26</sup>, ou seja, a vida é feita de um sonhar permanente, e por mais de que os sonhos nunca se realizem, pois, no final das contas, não passam de sonhos, a vida só faz sentido dentro desta eterna busca pelo inalcançável.

E é nesse ponto que os historiadores devem buscar sua responsabilidade, pois, por mais divertida que a disciplina de História seja, encará-la como puro entretenimento diante de nossos alunos e da sociedade pode causar danos incomensuráveis. A dificuldade de aceitação e inclusão das minorias – que por vezes são até mesmo maiorias, como acontece com o negro – mostra que a História ainda está para ser feita. E se já é feita, não chega à sociedade, permanecendo dentro da academia. Um ensino de História transformador permitiria não só aos negros se reconhecerem dentro de si e dentro da história, como serem reconhecidos por todos, unindo e não segregando. A História acabaria, por exemplo, com a opção sexual e plantaria nos alunos a concepção de que “a gente é para o que nasce”, ou seja, não há escolha sexual, há a diferença que deve ser respeitada porque cada ser humano é um indivíduo com um mundo dentro de si muito maior do que o que está lá fora, e que mesmo assim, se conecta com todos os outros.

Não se trata de condenar o reconhecimento das diferenças e das políticas para reafirmá-las. É fundamental que todos militem pelas causas e lutas sociais, porém, assusta a possibilidade de que esses reconhecimentos se tornem segregação e não uma mudança de mentalidade que perceba o diferente como parte da humanidade. Como bem fala Aijz Ahmad “precisamos de formas políticas que formem seres humanos em sua heterogeneidade e universalidade”<sup>27</sup>.

A História, naturalmente comprometida com a verdade, pode conduzir o homem a adotar ações transformadoras da sociedade. Ela pode ser o impulso que levará a percepção de que a solução e as consequências de um problema social afeta não somente aos desafortunados, mas também aos ditos privilegiados. É fundamental defender a História como o veículo motor da mudança de percepção do outro. E cada vez que a injustiça

<sup>26</sup> BARCA, Calderón de la. *A vida é sonho*. Trad. Manuel Gusmão. Lisboa: Estampa, 1973, p. 131.

<sup>27</sup> AHMAD, Aijaz. Problemas de classe e cultura. In: WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy (orgs.). *Em defesa da História: Marxismo e pós-modernismo*, p. 72.



social, que está na base constitutiva do sistema capitalista, avança sobre o mundo, a História se torna mais imprescindível. É preciso romper as barreiras do isolamento e construir um sentimento de unidade. E isso só será feito conhecendo a versão do outro através da sua História.

A Historiadora Gwendolyn Midllo Hall nos fornece uma percepção simples e eficaz da escrita historiográfica:

A história é uma história contada por um historiador. Ainda que seja parcialmente baseada em fatos, não é fato e tampouco ficção. Um bom historiador é um detetive que formula perguntas relevantes, sai à procura de documentos e outras evidências, seleciona aquilo que considera importante, e submete tudo à cuidadosa análise e interpretação. Todo esse processo é deliberado e nele racionalização e impedimentos aparecem como aspectos muito importantes que às vezes preocupam. Não importa quão sofisticada e abstrata seja a metodologia, a história está contando uma estória que é mais ou menos verdadeira. Algumas dessas estórias se coadunam a modismos passageiros. O maior desafio da história é perseverar em busca da verdade e aproximar-se dela o máximo possível, evitando juízos e falácias, que servem para encobrir o comportamento de dadas nações e lançá-las sob luzes benignas. Os historiadores precisam comunicar suas descobertas ao maior número possível de pessoas, de maneira a ajudarem a transcender estreitas identidades nacionais. Encarar este desafio requer coragem, correção e os níveis mais elevados de competência, habilidade e empenho.<sup>28</sup>

Com essas palavras, retoma-se o exemplo do jornalista Boris Casoy — um ativista político da direita com a carreira construída dentro da “ditabranda” brasileira, cujas más línguas acusam de ter participado do CCC<sup>29</sup> — e sua frase considerada “gafe”<sup>30</sup> pela Folha de S. Paulo<sup>31</sup>. Na posterior retratação no próprio jornal, Boris Casoy ratifica o conteúdo de sua fala quando resume seu pedido de desculpas ao fato de que havia dito uma frase infeliz durante uma falha técnica do som.<sup>32</sup> O âncora do jornal é bem claro: só pede desculpas porque se sentiram ofendidos os telespectadores, não porque o cerne de seu raciocínio seja

<sup>28</sup> HALL, Gwendolyn Midllo. *Slavery and African Ethnicities in the Americas: restoring the links*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2005, p. XV. Tradução de Berttoni Cláudio Licarião (Mestrando/UFGM). E-mail: berttonidaudio@hotmail.com

<sup>29</sup> O CCC (Comando de Caça aos Comunistas) atuava no combate dos comunistas no Brasil durante a década de 60 e 70 no Brasil, atuando em grande consonância com a política da ditadura militar.

<sup>30</sup> A definição de gafe de acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa; “**gafe** (francês *gaffe*) s. f. 1. Dito ou comportamento irrefletido. = DESLIZE, INCONVENIÊNCIA; 3. Engano por lapso ou negligência. = ERRO.” Captado em: <http://www.priberam.pt/dlpo/gafe>. Acesso em: 20 abr. 2010.

<sup>31</sup> A curtíssima reportagem intitulada “‘Errei mesmo, falei bobagem’, diz Boris Casoy após gafe”, está disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u673601.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2010.

<sup>32</sup> O pedido de desculpas do jornalista Boris Casoy também está disponível no site *You Tube*: <http://www.youtube.com/watch?v=esZYkpcfS8>. Acesso em: 20 abr. 2010.



execrável ou porque se arrepende de tê-lo dito. Inconscientemente, Boris semeou o germen de uma outra história pessoal que vai em oposto à sua imagem construída pela mídia de defensor do povo, um homem indignado com as injustiças que chegou ao ponto de dar uma “banana” aos políticos brasileiros, numa antológica edição do TJ Brasil do SBT.<sup>33</sup> Deve-se ir além: surge a oportunidade de se fazer uma nova história do jornalismo brasileiro, caminhando para perceber os projetos políticos implícitos nas linhas editoriais.

Torna-se urgente que o historiador comece a colocar na sua pauta a produção das várias histórias, pois nem sempre podemos contar com as forças mágicas do último dia do ano para que elas comecem a se revelar. É necessário construir, dentro do pensamento humano, a concepção de que sempre há distintas versões. Que o que se vê, ouve e lê, nem sempre o é. Mais do que criar outras histórias do jornalismo brasileiro, é preciso reinventar constantemente a historiografia. É necessário construir narrativas múltiplas que se interconectem formando um novo mundo. Expondo a diversidade de visões que os personagens da História — dentre eles, os historiadores — proporcionam à historiografia, é possível construir um conjunto de narrativas que tornem o homem capaz de perceber a multiplicidade que há em si e no outro. Assim, escapamos dos malefícios de uma História única e caminhamos para o início de uma nova consciência crítica que possa desaguar numa transformação da realidade humana.

Recebido em: 18/05/2013

Aprovado em: 18/07/2013

---

<sup>33</sup> Infelizmente, não foi possível localizar tal vídeo na internet.